

JUVENTUDE SEM TERRA: UM COTIDIANO HÍBRIDO ENTRE O CAMPO E A CIDADE

Sara A. Feitosa¹

RESUMO

O artigo pretende mapear em que medida os discursos televisivos atuam na elaboração de modos de ser jovem entre a juventude do MST (Assentamento Capela - Nova Santa Rita/RS). Para isso, problematiza o conceito de juventude na contemporaneidade e traça os percursos de um grupo de jovens filhos de assentados em meio às aprendizagens midiáticas do que significa ser jovem no contexto de um assentamento de reforma agrária. Parte do pressuposto de que, em nossa cultura, os discursos dos meios de comunicação, especialmente a televisão, têm função pedagógica e são elementos constituintes do sujeito.

Palavras-chave: Juventude sem terra. Cultura. Mídia. Educação.

ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss to what degree TV discourses influence the ways of being young people among the youth of MST (Landless People Movement) in Capela Settlement - Nova Santa Rita, RS, Brazil. For this purpose, the article approaches the concept of youth in our times and traces the journeys of a group of young people who descend from the settlers and are subject to the teachings of the media on what it means to be a

young person in the context of a land reform project. The article assumes that in our culture discourses of mass media, especially TV, have a pedagogical function and are a constituting element of the subject.

Keywords: Landless Youth. Culture. Media. Education. Television.

Já se disse que juventude é apenas uma palavra² (Bourdieu, 1983). Ou, ao contrário, é mais que uma palavra³ (Margulis, 1998). Nos últimos anos, tem crescido o interesse investigativo por essa faixa da população que, para alguns, não passa de um ciclo, uma transição para a vida adulta, mas que toma novas conformações em nossa sociedade. Juventude é uma daquelas palavras que suscita uma variedade de sensações, que oscilam entre reclamações costumeiras do tipo: “estes jovens de hoje não querem nada”, ou esperanças entusiastas que depositam nela um papel protagonista de mudanças vindouras. Se, na década de 1920, o Brasil era uma paisagem de velhos, como relata Nelson Rodrigues (1993) em uma crônica sobre sua infância na Rua Alegre, a paisagem do País, nos primeiros anos do século XXI, é bem diferente. Se, na infância do escritor, homens e mulheres eram mais valorizados, ao ingressar na fase produtiva e

¹Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). Bolsista CAPES/REUNI e integrante do NEMES (Núcleo de Estudos Mídia, Educação e Subjetividade). Email: sarafe99@hotmail.com.

²Em uma entrevista, intitulada *Juventude é apenas uma palavra*, Pierre Bourdieu critica a representação da juventude como correspondendo a um segmento etário homogêneo, marcado por um mesmo limiar de idade biológica. Na prática, acusou Bourdieu, a juventude não existe. O que existe são os jovens. E, com isso, pretendia contribuir para uma percepção da heterogeneidade que caracteriza a população juvenil.

³No artigo *La juventud es más que una palabra* (1997), Mario Margulis e Marcelo Urresti, inspirados na provocação de Bourdieu (1983), são enfáticos ao afirmar: a juventude é um signo, porém não é somente um signo. Segundo os autores, a concepção de Bourdieu privilegia a dimensão simbólica, que é importante para toda categoria social, mas que há outras dimensões a serem analisadas, quando o assunto é juventude ou culturas juvenis.

reprodutiva, e sonhavam com o momento em que finalmente fossem admitidos no mundo dos adultos, hoje, uma grande maioria, indiscutivelmente, deseja ser jovem.

Juventude é de difícil definição. Helena Abramo (2005, p. 37) alerta que “muito do que se escreve na academia sobre juventude é para alertar para os deslizos, os encobertamentos, as disparidades e mistificações que o conceito encerra”. Há diferentes ângulos de abordagem do tema, os recortes são diversos, sendo comum, na bibliografia, muitos autores optarem por falar de juventudes, especialmente se tomarmos um recorte de classe social. “A juventude é vivida como um processo definido a partir de uma inegável singularidade: é a fase da vida em que se inicia a busca dessa autonomia, marcada tanto pela construção de elementos da identidade – pessoal e coletiva – como por uma atitude de experimentação” (GALLAND, 1996; SINALY, 2000, *apud* SPOSITO, 2005, p. 89).

A idéia de *condição* juvenil remete, em primeiro plano, a uma etapa do ciclo de vida, de ligação ou de transição, como diz a noção clássica, entre a infância, época de dependência e necessidade de proteção, para a idade adulta, o ápice do desenvolvimento, que, em nossa sociedade, está relacionado a tornar-se capaz de exercer atividades produtivas, de reprodução e de participação social. Inúmeros autores (ABRAMO, 2005; MARGULIS, 1998; RIBEIRO, 2004, dentre outros) alertam que os conteúdos, a duração e a significação social dos atributos das fases da vida são cultural e historicamente constituídos, e que a juventude nem sempre apareceu como etapa singularmente demarcada.

A noção de juventude vigente no pensamento contemporâneo tem sua origem, na sociedade moderna ocidental, na experiência dos jovens burgueses, que se impôs como padrão do que é ser jovem, em detrimento de outros modos de ser jovem, vivenciados em épocas anteriores⁴. A condição juvenil, como a entendemos atualmente, tem forte relação com a instituição da escola, como relata Norbert Schindler (1996, p. 269), citando Philippe Ariès: “na sociedade dos séculos XVI e XVII ainda não se traçava uma demarcação nítida entre infância e juventude e ainda não se tinha uma noção precisa daquilo que chamamos adolescência”. O autor afirma que, somente com a obrigatoriedade da frequência à escola, no início do século XIX, passou-se a adotar o corte dos catorze anos, que estabelece uma

clara demarcação entre infância e juventude, no momento da conclusão dos estudos, início da aprendizagem e ingresso no mundo do trabalho. A *condição* juvenil passa, então, a estar relacionada à possibilidade de o jovem burguês livrar-se, mesmo que temporariamente, das obrigações do trabalho, por um lado, para retardar a inserção no mundo produtivo e, por outro, para dedicar-se ao estudo numa instituição escolar, como explica Abramo (2005, p. 41). Essa segunda etapa de socialização produz um deslocamento entre as capacidades físicas de produção, reprodução, maturidade emocional e social para a sua realização. A noção moderna de juventude acabou aparecendo como um período de transição, de ambigüidade, de tensão potencial, de moratória⁵.

Esse período de moratória, é bom que se lembre, é uma experiência restrita aos filhos de classes altas e médias. Nas camadas mais pobres, não era incomum, como relata Schindler (1996, p. 271), que crianças de dez ou doze anos trabalhassem. Os filhos dos camponeses e dos artesãos, desde cedo, eram iniciados no trabalho dos pais, assumindo tarefas de responsabilidade cada vez maiores. A constatação desse quadro diverso consolidou uma certa tensão entre vertentes do pensamento. Por um lado, análises que privilegiam a posição na estrutura socioeconômica e que afirmam ser a noção juvenil destituída de significação social. Por outro, as que focam o plano simbólico, com a idéia de uma condição juvenil referida a uma fase da vida, podendo chegar, no limite, a considerar a juventude como mero signo, uma construção cultural relativamente desvinculada das condições materiais e históricas.

Segundo Marília Sposito (2003), tal tensão pode ser pensada pela distinção entre **condição** e **situação** juvenil. A autora explica que a **condição** refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo de vida, que alcança uma abrangência social maior, referida a uma dimensão histórica geracional. Já **situação** revela o modo como tal condição é vivida nos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc. Margulis (1998, p. 17) lembra que, embora a juventude, como categoria socialmente constituída, possua uma dimensão simbólica, tem que ser analisada em outras dimensões, ou seja, “aspectos fáticos, materiais, históricos e políticos, nas quais toda produção social se desenvolve”.

No século XX, principalmente após a II Grande Guerra, como aponta Edgar Morin (1997), no rastro de

⁴Ver coletânea *História dos Jovens*, organizada por Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt, Companhia das Letras, 1996, especialmente os artigos: *Ser jovem na Aldeia*, de Daniel Fabre, V. 2, p.49-81; *A imagem dos jovens na cidade grega*, Alain Schnapp, V.1, p.19-57; *Os tutores da desordem*: rituais da cultura juvenil nos primórdios da Era Moderna, Norbert Schindler, V. 1, p. 265- 324.

⁵Termo cunhado por Erikson (1986), entendido como esse adiamento dos deveres e dos direitos dos indivíduos que deixaram de ser crianças, mas ainda não estão plenamente inseridos na produção (trabalho), reprodução (ter a própria família) e participação política. A moratória seria um tempo para a dedicação exclusiva à formação para o exercício futuro dessas dimensões da cidadania.

mudanças socioeconômicas, no mundo do trabalho e no campo dos direitos, com a coibição do trabalho infantil, a extensão da escolarização e da cultura, constituindo a juventude como um valor, uma imagem valorizada, a condição juvenil teve sua significação ampliada. É certo que, desde a Revolução Francesa, como anuncia Renato Janine Ribeiro (2004), ser moço passa a ser algo positivo. Entretanto, é no pós-guerra que “ser jovem” confere um certo prestígio ao sujeito. É também desse movimento de ampliação do sentido dado à condição juvenil que os filhos das classes populares passam a figurar como atores integrantes da juventude. Como explica Abramo (2005, p. 43):

[...] a experiência dos jovens burgueses, que imprimiu o conteúdo da noção moderna de juventude, funciona até hoje como padrão ideal em torno do qual têm sido avaliadas as possibilidades de outros setores sociais de aceder a esta condição, de 'viver a juventude', como se diz, e também a partir do qual se medem as abreviações, extensões e interrupções da etapa, assim como os desvios e negações de seu conteúdo.

Vários acontecimentos contribuem para uma ampliação do sentido dado à juventude, especialmente na segunda metade do século XX, dentre eles, mudança ou alargamento do período da vida identificado como juventude, dos poucos anos do início da industrialização, passando a durar dez, 15, ou, como se aceita em alguns setores atualmente, 20 anos⁶. A inclusão no sistema escolar e no universo simbólico de setores populares provocou uma abrangência do fenômeno para vários setores sociais, constituindo-a não apenas como uma experiência dos filhos da burguesia. Abramo (2005, p. 43) conclui que o desfecho desses acontecimentos é que a “vivência da experiência juvenil passou a adquirir sentido em si mesma e não mais somente como

preparação para a vida adulta”. Essa ampliação de significado da *noção* juvenil justifica que se fale de juventudes, no plural, como forma de expressar a heterogeneidade, as desigualdades e as diferenças que atravessam esta condição, como sinaliza Abramo (2005).

Neste artigo, a juventude⁷ à que se refere é a juventude Sem Terra⁸, entre 14 e 24⁹ anos, filhos de assentados ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A questão que orienta o presente trabalho é mapear em que medida os discursos televisivos atuam na elaboração de modos de ser jovem entre o grupo investigado.

Essa análise exige incursões no âmbito da escola e da família, como também nas relações que os jovens tecem com o mundo do trabalho e com os discursos televisivos. A família estabelece, pela história de vida e de militância, uma “pré-identidade” para estes jovens, ou seja, jovens Sem Terra, colonos ou filhos de colonos Sem Terra; o trabalho está desde cedo presente em suas vidas. No Assentamento Capela¹⁰, por exemplo, os filhos de assentados sócios da Cooperativa de Produção Agropecuária Nova Santa Rita (COOPAN) têm a possibilidade, a partir dos 10 anos, de integrarem algum setor de produção. As atividades desenvolvem-se em horário inverso ao da frequência escolar. Entre os jovens filhos de assentados que optaram pelo modo de produção individual, as meninas envolvem-se com trabalhos domésticos, já os garotos ajudam o pai em algumas tarefas diárias, como tratar animais, carpir e comercializar produtos em feiras nas cidades de Canoas e Porto Alegre. No caso dos jovens que frequentam escolas do MST, esta instituição, além da função de educação formal, apresenta-se como lugar de disseminação dos discursos do Movimento; a presença dos discursos do MST no cotidiano destes sujeitos dá-lhes um traço de distinção na forma como se relacionam com os discursos midiáticos, especialmente no que diz respeito à imagem do próprio MST na mídia.

⁶Ver o texto FUREDÍ, Frank. Não quero ser grande. Caderno Mais, Folha de S. Paulo, 25 de julho de 2004. disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2507200404.htm>.

⁷ Uso o termo juventude e não adolescente, porque adolescência, segundo Sposito (1997:44), como descritor em investigações em grande parte é caracterizado por abordagens mais próximas das orientações da psicologia, sendo as preocupações centrais investigar as transformações ligadas à biologia, mudanças hormonais e comportamentais, amadurecimento sexual. Aqui a investigação está mais associada a um referencial sociológico que psicológico, daí referir-se à juventude ou culturas juvenis.

⁸ Grafar Sem Terra e não sem-terra tem o objetivo de distinção dos participantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra em relação a outras pessoas do meio rural que não possuem terra, mas não estão organizados no MST. Referir-se a Sem Terra, Sem Terrinha, está relacionado a um aspecto simbólico e de identidade social e não ao fato de ter ou não terra.

⁹ Entre os jovens observados nesta investigação, estes, a partir de 12 anos, já se consideram jovens, contrariando o parâmetro utilizado por organismos internacionais, como o Unicef, que definem como jovem a faixa etária de 15 a 24 anos. Nota-se que a composição ou definição a partir de que idade se é jovem, em nossa sociedade, tem um apelo comercial. A publicidade “vende” a idéia de que, a partir de 10 anos, já somos pré-adolescentes e que, com 12 anos, o menino e a menina passam a ser adolescentes, portanto, jovens. É importante, contudo, esclarecer que tanto no plano nacional e internacional não há um consenso, entre os diversos atores, a partir de que idade um indivíduo seja considerado jovem. A legislação brasileira, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), assume como adolescente a pessoa que tem entre 12 e 18 anos incompletos. Para o Fundo de Populações das Nações Unidas (UNPEA), a juventude é composta por cidadãos entre 15 e 24 anos de idade. Um critério mais expandido – o de “população jovem” – é aplicado à faixa dos 10 aos 24 anos.

¹⁰ Assentamento localizado no município de Nova Santa Rita/RS, região metropolitana de Porto Alegre.

Na parca bibliografia que trata especificamente de jovens Sem Terra ou de jovens rurais, estes, na sua maioria, figuram como vulneráveis, invisíveis, carentes de políticas públicas. Embora reconheça que esses sejam aspectos relevantes na vida de jovens do meio rural, não os tenho como centro das preocupações neste momento. Pretendo antes analisar o sujeito que está nestas condições de vulnerabilidade quanto à escolarização e à inserção precoce no mercado de trabalho, como anuncia Frigotto (2004), mas que se fazem sujeitos numa sociedade que valoriza o fato de ser jovem, convidando-os a todo o momento a consumir não apenas produtos, mas um jeito de ser, um estilo de vida, uma imagem. Maria Rita Kehl (2004, p. 93) lembra que, numa sociedade pautada pela indústria cultural, as imagens se constituem como meios para as identificações. Assim, não apenas os jovens da elite estão incluídos na cultura juvenil vigente; todos parecem identificar-se com o ideal publicitário dos(as) jovens hedonistas, belos(as), sensuais.

Embora não possamos ter uma visão romântica sobre a vida em acampamentos do Movimento Sem Terra, este tem sido um importante instrumento de luta e tem mudado em vários aspectos a face do meio rural brasileiro nos últimos 20 anos. Frigotto (2004) sinaliza que, não fosse a organização – do MST, o qual congrega cerca de 20 milhões de pessoas em 23 Estados da Federação e, no Distrito Federal, um grande número delas de crianças e jovens –, o inchaço nas periferias urbanas seria mais grave. O MST é um fenômeno que se distancia da tradição histórica dos movimentos sociais do campo no Brasil e obteve grande sucesso no contexto de agravamento da crise do emprego no setor industrial, no final da década de 1970. Levou muitas famílias que haviam deixado o campo para trabalhar na cidade a retornarem para ele¹¹. O MST promove o êxodo ao revés, aspecto que inspirou o fotógrafo Sebastião Salgado a registrar ocupações, mobilizações e o cotidiano desses deserdados da terra numa exposição mundo afora. Grande parte desse contingente das periferias urbanas se juntou aos Sem Terra, por sua capacidade política de mobilização e pelas estratégias de sobrevivência.

Ser jovem, como anunciado anteriormente, não é um acontecimento de agora. Na Grécia clássica, os pitagóricos, por exemplo, dividiam a vida em etapas de 20 anos cada uma. Entre eles, a adolescência correspondia à idade dos 20 aos 40 anos, e a juventude estendia-se até os 60 anos (Foucault, 2004, p.114). Ribeiro (2004, p. 24), num breve histórico da concepção moderna de juventude, nos conta que esta, desde a metade do século XX, esteve em disputa por dois polos

diferentes: por um lado, o ideário da revolução – inspirada por ícones do comunismo, como Che Guevara, Mao Tse-tung, Ho Chi Minh; por outro, a publicidade, que tem como destino dos seus anúncios, sobretudo, a juventude. As crianças e os jovens Sem Terra se fazem sujeitos em meio a essa disputa. Refiro-me aqui ao conceito de sujeito em Michel Foucault (2004a, p. 291), ou seja, “o sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, de práticas de liberação, de liberdade [...] a partir de um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural”.

Para abordar o tema da juventude, ou sua noção na primeira década do século XXI, no Brasil, é necessária uma atenção especial para o entrelaçamento da cultura juvenil e a crescente centralidade da mídia, especialmente a televisão, em nosso País. Torna-se repetitivo, embora necessário, afirmar que o contexto no qual se processa a construção discursiva e social da juventude inclui a escola, a família, mas vai além, incluindo aí ingredientes da cultura de massa: como a mídia, especificamente a televisão, a cultura musical (*rock, funk, hip-hop, rap, pagode, sertanejo*, etc.). É nesse entrelaçamento de espaços de socialização que dedico o olhar a esses jovens, entendendo que a mídia, especialmente a televisão, ocupa, em nossa sociedade, um *lugar* de constituição de sujeitos, uma função pedagógica, e que grande parte dos discursos produzidos na mídia atualmente são endereçados aos jovens.

JUVENTUDE RURAL, A DIFÍCIL DEFINIÇÃO

Dados do censo de 2000 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) revelam que a população de jovens no campo é de 19% em relação ao conjunto da faixa etária de 15 a 24 anos no Brasil. Uma análise mais detalhada dos dados do censo revela que a população jovem rural, com idade entre 20 e 24 anos, é proporcionalmente menor. Para a faixa etária entre 15 e 19 anos, 52% estão no campo, enquanto para os com idade entre 20 e 24 anos, a proporção diminui para 48%. Segundo os analistas, essa diferença sinaliza a tendência de jovens do campo, quando atingem a maioridade, a migrar para a cidade. Este olhar consolida uma percepção dos jovens rurais em oposição à dos jovens urbanos. Elisa Guaraná de Castro (2004) contesta o olhar naturalizado sobre o êxodo dos jovens do meio rural e afirma que se trata de um processo muito mais complexo do que as estatísticas conseguem expressar.

¹¹É importante observar que esse é um perfil dos acampamentos do MST nas regiões Sul e Sudeste, mais propriamente a partir da segunda metade dos anos 1990. Na sua origem e mesmo na década de 1980, o MST fez-se com os filhos de pequenos agricultores que não vislumbravam a possibilidade de permanência na terra natal devido à linha de transmissão, de herança: muitos filhos para herdar pouca terra. Ver FEITOSA, Sara A., dissertação de mestrado em Educação (PPGEDU/UFGRS) “Televisão e juventude Sem Terra: mediações e modos de subjetivação” o capítulo “MST: história, tensões e mídia”.

No contexto de crise da agricultura familiar e dos processos econômicos recentes, que fazem do meio rural um espaço cada vez mais heterogêneo, diversificado e não exclusivamente agrícola (CARNEIRO, 1999), a juventude rural desponta como a faixa demográfica que é afetada de modo mais intenso por essa dinâmica de borramento das fronteiras entre os espaços rurais e urbanos.

Na investigação empírica, observou-se que os jovens do Assentamento Capela transitam nos universos rural e urbano. Enquanto trabalham a terra, cobrem o telhado de um galinheiro, ou distribuem aipim pelas residências de uma agrovila, escutam música, falam ao celular, comentam o baile que acontece no próximo final de semana, combinam a visita a uma *lan-house* para experimentar o *game* novo que chegou. O que a *priori* parece ser atitudes de identidades contraditórias (rural e urbano), para esses indivíduos traduzem o cotidiano. Maria Isabel M. de Almeida e Kátia M. de Almeida Tracy, no livro *Noites Nômades* (2003, p. 19), explicam que a etnografia se vê obrigada a abandonar, na atualidade, um enfoque baseado unicamente em experiências vivenciadas em âmbito local. Segundo as autoras, tal deslocamento leva o pesquisador a repensar o modo como as identidades coletivas e individuais são negociadas, no que diz respeito tanto ao observador quanto ao observado. Para as autoras, essa dupla redefinição está ligada à problematização do espaço, ou seja, a uma ruptura com o conceito de “comunidade”, no sentido clássico de valores, identidade e cultura, partilhados em lugares material e socialmente delimitados. Podemos considerar que as experiências contemporâneas demonstram que a produção localizada de identidades não depende exclusivamente de atividades observáveis, concentradas em uma localidade definida. O desafio hoje é justamente captar a formação de identidades específicas através de toda uma rede de fluxos e migrações.

Há, por certo, uma imensa dificuldade de definir o que seja juventude rural; alguns autores inclusive questionam a existência dessa categoria. Uma das dificuldades é precisamente identificar ou definir o que se entende por rural, questão que se acentua com a intensificação da comunicação entre os universos culturais e sociais do campo e da cidade. Existe uma tendência de ampliar a definição de rural para além do setor primário da economia.

Embora esse não seja o centro da discussão que nos propomos fazer, vale esclarecer que o rural no Brasil é determinado por leis municipais, que delimitam o perímetro urbano dos municípios: o “rural” seria tudo o que fica fora desse traçado. Desse modo, o rural se faz da negação do “urbano”. José Eli da Veiga (2002) tem apontado para a fragilidade dessa definição, a qual tem como consequência imediata uma imagem distorcida das dimensões do “Brasil rural”, que não chegava a abrigar 10% da população brasileira, segundo o censo de 2000. Toda essa discussão tem como objetivo evidenciar a dificuldade de tratar a juventude rural como

uma categoria de análise, já que a própria definição do que seja “rural” no Brasil contemporâneo é tão complexa.

UM COTIDIANO HÍBRIDO ENTRE O CAMPO E A CIDADE

Onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia. O relato é *diégese*, como diz o grego para designar a narração: instaura uma caminhada (guia) e passa através (transgride). (CERTEAU, 2004, p. 215).

Faço uso de Michel de Certeau para refletir sobre esse modo híbrido de viver que encontrei entre os jovens do Assentamento Capela, caracterizado pela possibilidade de travessia e transgressão, por vezes até ruptura das expectativas depositadas pelos pais, pela comunidade e pelo movimento social sobre esses sujeitos. A idéia é problematizar sobre a questão que se põe aos jovens do campo, ou seja, migrar ou não para a cidade. Entre os entrevistados, percebe-se uma atitude pragmática, embora vacilante: por um lado, transferir-se para a cidade pode proporcionar uma certa comodidade em relação a não morar tão longe do trabalho ou mesmo de poder desfrutar dos espaços de lazer que a cidade oferece; por outro, esses jovens observam que ir para a cidade significa encarar-se como diferente, abrir mão do conforto familiar e morar em condições mais precárias, devido ao custo de vida na cidade.

Esses jovens oscilam entre o projeto de vida individual de construir suas vidas, que se expressa no desejo de “melhorarem de vida”, de “serem alguém na vida”, e o compromisso com a terra conquistada pelos pais, que se confunde também com o sentimento de pertencimento à localidade de origem. É curioso observar que nessa tensão convivem elementos do que é denominado, na literatura, de “sociedades tradicionais” e da “modernidade”, posto que a auto-imagem destes sujeitos é “urbana”, “moderna”, mas também “rural”, “tradicional”. Nos relatos, e aí considero ser interessante pensar com Certeau (2004), os jovens parecem fazer a *travessia* entre estes dois mundos: o da cidade e o do campo, o da tradição e o da modernidade. Mas isso não significa que abdicuem de um ou outro modo de viver, tanto na composição da auto-imagem, nas relações sociais ou na constituição da identidade de cada um. Um bom exemplo, que diz respeito à sociabilidade, é a convivência entre os sujeitos investigados com práticas sociais “tradicionais”, como a conversa em torno de uma cuia de chimarrão, e as práticas contemporâneas de relacionamentos *on-line*.

Os jovens do Assentamento Capela transitam e transgridem cotidianamente essa linha que demarca os espaços urbano e rural, numa espécie de hibridização (Canclini, 2000). Muito já se falou desses movimentos cotidianos que rompem com os discursos consolidados sobre os usos dos espaços. A juventude talvez seja a ponta de lança dessa mudança; no entanto, como

mostra Martín-Barbero (2003, p. 271), essas mestiçagens tornam possíveis e pensáveis as formas e os sentidos que a vigência cultural das diferentes identidades vem adquirindo. Assim, podemos falar do rural no urbano, o urbano no rural, o folclore no popular e o popular no massivo. Não se trata, com isso, de esconder as contradições, mas sim com o objetivo de “extraí-las dos esquemas de modo a podermos observá-las enquanto se fazem e se desfazem” (Martín-Barbero, 2003, p. 271). Um outro aspecto relevante das falas é que os jovens repetem ditos freqüentemente veiculados pela mídia, que reforçam uma certa idealização do espaço rural, como, por exemplo: “o bem que o contato com a natureza faz”, “a violência das cidades”, “no campo a gente tem mais segurança”, “na cidade as pessoas nem conhecem os vizinhos, aqui a gente conhece todo mundo”, são falas recorrente entre os sujeitos investigados.

A auto-imagem é referência para a construção de seus projetos para o futuro, que geralmente são orientados pela expectativa de inserção no mundo moderno. Mas essa inserção não implica a negação da cultura de origem; antes, supõe uma convivência que resulta na ambigüidade de quererem ser, ao mesmo tempo, diferentes e iguais aos jovens da cidade e aos da localidade de origem. Os discursos televisivos são ingrediente importante nesse processo de constituição da auto-imagem e de modos desejáveis de ser.

CONTROLAR-SE, AVALIAR-SE: MODOS DE SER JOVEM APRENDIDOS NA TV

A cena é a seguinte: três garotas, com idade de 14 e 15 anos, conversam sobre a iniciação sexual da bailarina Gisele e do pianista Luciano, personagens da telenovela *Páginas da Vida*¹². Na trama ficcional, o acontecimento foi o ideal de toda menina: tranqüilo, num quarto confortável, cheio de romantismo, a começar pelo fato de se passar na cidade imperial de Petrópolis, estado do Rio de Janeiro. As três meninas conversam sobre como tudo que foi apresentado na novela é fora da realidade delas.

A conversa segue, as garotas concluem que, na vida delas, um acontecimento desses não seria tranqüilo como na ficção; todas apontam que aquela situação da novela seria a melhor. É o que gostariam que acontecesse com elas. Um outro aspecto da iniciação sexual foi abordado na conversa: o risco de engravidar. Uma das meninas comentou que, no Assentamento, há garotas que engravidaram e foram abandonadas. No final da conversa, as três garotas concluem que o melhor mesmo é se “segurar” e esperar a pessoa certa, a hora certa para um passo desses, segundo elas, “tão importante na vida”.

O relato acima é uma pequena amostra de como os discursos televisivos desencadeiam uma série de reflexões sobre aspectos práticos da vida, como a iniciação sexual, levando os jovens – especialmente as meninas – a refletir sobre “a hora certa”, “a pessoa certa” e “a condição ideal” da iniciação no sexo.

A partir dos conceitos de saber, relações de poder, modos de subjetivação (Michel Foucault) e mediação (Martín-Barbero), especialmente articulados ao conceito de dispositivo pedagógico da mídia (Fischer), tenho o objetivo de discutir aqui de que maneira os discursos televisivos sobre e para a juventude produzem modos de ser jovem específicos. Argumento que um episódio de telenovela, por exemplo, e outros discursos que dizem respeito aos jovens exibidos na televisão são portas abertas para eles refletirem, individualmente ou no grupo de amigos, sobre questões relacionadas ao que Michel Foucault (2004) denominou de “relação consigo”.

Rosa Fischer (1996, p. 138), analisando os discursos, as práticas e os procedimentos propostos às jovens, no seriado *Confissões de Adolescente*, no sentido de construção de sua subjetividade, separou a “relação consigo” em três áreas, a partir do tratamento dos diferentes temas selecionados pelos autores da série: (a) a relação com o corpo e com a própria intimidade, ou seja, o primeiro beijo, a primeira menstruação, a perda da virgindade, a primeira paixão, a possibilidade de estar grávida, o cuidado com a agenda, as técnicas de tratamento do corpo, o medo da morte; b) a relação com o outro: [...] o relacionamento com o pai, com a mãe, com os ídolos, [...] com a melhor amiga, com as pessoas diferentes, com a figura masculina; c) a relação com o mundo e com os limites dados socialmente: a participação na política estudantil, a procura de trabalho. A escolha da profissão, o vestibular, as drogas, a marginalidade, os limites financeiros. Essa caracterização feita pela autora é válida para outros produtos veiculados na televisão brasileira.

Fischer (2005, s.p.) alerta que:

[...] estudar materiais da mídia e respectivamente práticas de veiculação e recepção, ao modo foucaultiano, diz respeito à produção de pensamento sobre o que se pode ver e o que se pode dizer numa determinada época, sobre continuidades e descontinuidades das coisas ditas num certo tempo e lugar, sobre modos de subjetivação desviantes e modos capturados pelas redes de poder e saber.

¹²Novela de Manoel Carlos, exibida na Rede Globo, de segunda a sábado, às 21 horas.

Desse modo, penso que a televisão ao se dirigir à juventude, dá visibilidade e enunciabilidade a determinados saberes e modos de ser jovem, desencadeando na recepção uma série de técnicas relativas a comportamento, estilo e constituição de si. Uma dessas técnicas das quais falo, o autocontrole nas atitudes, no modo de se conduzir, de se fazer jovem, é constantemente exibida pela mídia e tomada pelos sujeitos jovens como “discurso verdadeiro”, que não apenas é necessário saber, mas colocar em prática.

O “dispositivo pedagógico da mídia” através de suas linhas de subjetivação¹³ cria uma lógica que relaciona a técnica do autocontrole ao fato de ser aceito, incluído, além de evitar problemas como doenças psíquicas (compulsão por comprar, comer, etc...), doenças sexualmente transmissíveis, ou ainda, a gravidez indesejada.

O autocontrole, como técnica de *governo de si* (Foucault, 1997), é também empreendido pelos jovens do Assentamento no que diz respeito aos limites financeiros. Um outro aspecto relacionado aos limites que a condição financeira lhes impõe é a exigência de trabalhar para suprir algumas necessidades para as quais a família não teria capacidade de dar respostas. Um dos jovens, por exemplo, trabalha sete horas e meia por dia, de segunda a sexta, faz cerca de 140 horas por mês no abatedouro de suínos de uma cooperativa. Segundo ele, isso lhe rende “uns 250 pila”. Ele usa o dinheiro para comprar roupa, guarda um pouco para ir aos bailes e comprar cartão para o celular, que ele mesmo comprou. Relata que algumas coisas que gostaria de ter sabe que os pais não têm condições de lhe dar; por isso, resolveu começar a trabalhar e ganhar o próprio dinheiro. Revela que precisaria economizar para adquirir alguma coisa de mais valor, mas se ressentia de não ser bom em economizar.

No exemplo citado acima, o jovem parece sentir uma certa culpa de não conseguir se controlar nos gastos, de não ser capaz de economizar. Enfatiza o fato de um garoto que viu em uma reportagem na TV, mais novo que ele, que conseguia poupar metade da mesada que recebia dos pais. Certamente, a família concorre para que o jovem veja, no exemplo da reportagem, uma maneira positiva de ser e de lidar com o dinheiro, aspecto que reforça os discursos midiáticos de autocontrole.

Em outros casos, o autocontrole financeiro é apontado como forma de alcançar um desejo de consumo, ou seja, o inverso do caso anterior. Deixo de gastar com algumas “besteiras” para juntar dinheiro e comprar alguma outra coisa de maior valor. Entre os objetos de consumo mais desejados pelos jovens entrevistados, está o computador. Os jovens que informaram economizar dinheiro para realizar um desejo

de consumo costumam evocar ditos televisivos com histórias de vida de superação, exemplos de vida, especialmente de atletas.

Não se controlar financeiramente pode ter como consequência não conquistar nada por seu próprio esforço, o que, para os jovens analisados, é algo ruim, negativo. Diferente do retrato que freqüentemente se traça quando o tema é juventude, esses jovens são preocupados em ter metas, objetivos e associam o trabalho à realização dessas metas, discurso que podemos observar com freqüência na televisão.

Para finalizar, é importante apontar que procurei entender como um determinado grupo social – jovens de um assentamento de reforma agrária – negociam e produzem sentidos aos discursos para e sobre a juventude exibidos na televisão aberta brasileira. Tendo como pressuposto que os meios de comunicação, especialmente a TV, cumprem um papel pedagógico em nossa sociedade, este trabalho preocupou-se ainda em analisar em que medida esses jovens são subjetivados pelos discursos juvenis midiáticos. Este artigo aponta para a necessidade e a possibilidade de se pensar a resistência, não no plano da condenação da TV como um mal para a formação das novas gerações, mas no sentido de entender as lógicas de construção e normatização de modos de ser jovem empreendidas pelo meio e de como esses ditos ressoam no cotidiano dos jovens sujeitos da investigação. Creio que a análise das lógicas que operam na produção de sujeitos e de que maneira os saberes e as normas disseminados na TV atuam na constituição desses jovens apontem para a sua possível desconstrução.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. Condição Juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo Martori (org.). **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p 37-71.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; TRACY, Kátia Maria de Almeida. **Noites Nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRANCO, Maria Teresa Castelo. **Jovens sem-terra: identidades em movimento**. Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, 1999.

¹³ Giles Deleuze (1990, p. 157) define linha de subjetivação como um processo, “uma produção de subjetividade num dispositivo: ela está por se fazer, na medida em que o dispositivo o deixe ou o faça possível. É uma linha de fuga. Escapa às linhas anteriores, *escapa-lhes*” (grifos do autor).

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2000.

CARNEIRO, Maria José. O ideal *rurbano*: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, F. C. Teixeira; SANTOS, R. ; COSTA, L. F. C. (orgs.). **Mundo rural e política**: ensaios interdisciplinares. São Paulo: Ed. Campus/Pronex, 1999.

CERTAU, Michel de. **A invenção do cotidiano – Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 2004 (10ª edição).

DURSTON, J. Juventude rural, modernidade e democracia: desafios para os noventa. Juventude e desenvolvimento no cone sul latino-americano. **Série documentos temáticos**. Porto Alegre, jun. 1994 (texto digitado).

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso**: mídia e produção de subjetividade. Porto Alegre: UFRGS, PPGEDU, 1996. Tese de doutorado.

_____. O visível e o enunciável no dispositivo pedagógico da mídia: construção do pensamento de Foucault aos estudos de comunicação. In: **Revista Verso & Reverso**. São Leopoldo: Unisinos. Disponível em: <http://www.versoereverso.unisinos.br>. Acesso em: 22 ago. de 2005.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos V**: Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a, p. 264-287.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (org.). **Juventude e Sociedade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 89-114.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da

cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (org.). **Juventude e Sociedade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 89-114.

MARGULIS, Mario; URRESTI, M. La juventude es mas que una palabra. In: MARGULIS, M. **La juventud es mas que una palabra**: ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Ayres: Biblos, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003 (2ª edição).

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

RIBEIRO, Renato Janine. Política e juventude: o que fica da energia. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (org.). **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 19-33.

RODRIGUES, Nelson. Só os idiotas respeitam Shakespeare. In: **O óbvio ululante**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 158.

SCHINDLER, Norbert. Os tutores da desordem: rituais de cultura juvenil nos primórdios da Era Moderna. In: LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, V. 1, p. 265 –324.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e Escola no Brasil. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. Martoni (org.). **Retratos da Juventude Brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-127.

_____. **Os jovens no Brasil**: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas. São Paulo: Ação educativa, 2003.

VEIGA, José Eli da. **Cidades imaginárias**. São Paulo: Autores Associados, 2002.